

# PANORAMA SANKOFA: LEVANTAMENTO DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS ANTIRRACISTAS EM PROJETOS DO IFRN CAMPUS MOSSORÓ

Vitória Régia de Moraes Rêgo <sup>1</sup>  
Euza Raquel de Sousa <sup>2</sup>  
Demóstenes Dantas Vieira <sup>3</sup>

## RESUMO

Sankofa é um ideograma africano que reflete a sabedoria e a busca pela herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor. Nesse contexto, este trabalho, de natureza quantiquantitativa, visa apresentar as experiências pedagógicas desenvolvidas pelos professores orientadores de projetos de ensino, pesquisa e extensão no período pós-pandemia, com o objetivo de inspirar os estudantes do ensino médio integrado do IFRN Campus Mossoró a conhecer a sabedoria ancestral africana e aplicá-la às suas vidas contemporâneas. A pesquisa abrange as experiências pedagógicas desenvolvidas de 2021 a 2024, com foco na educação antirracista e na Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). Espera-se oferecer um panorama das experiências exitosas sobre a educação antirracista na educação profissional tecnológica, no ensino, na pesquisa e na extensão. Os resultados apontam para a eficácia das práticas pedagógicas implementadas, evidenciando um aumento significativo na conscientização dos estudantes sobre a importância da diversidade étnico-racial. As possibilidades que emergem desse processo incluem a promoção de um ambiente escolar mais inclusivo, onde as vozes e experiências de diferentes grupos étnicos são valorizadas e respeitadas.

**Palavras-chave:** Sankofa, Educação para as Relações Étnico-Raciais, Levantamento.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais, que “tem por alvo a formação de cidadãos empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos e econômicos, bem como os direitos de ser, viver e pensar, próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais” (Silva, 2007, p. 490), é essencial estabelecer práticas educacionais e conhecimentos antirracistas na construção dos saberes e na valorização da ancestralidade afro-brasileira. Essas práticas são

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – Campus Mossoró – RN; Membro do Neabi – IFRN/Campus Mossoró [vitoria.rego96@gmail.com](mailto:vitoria.rego96@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestra em filosofia pela Universidade Federal do Ceará – UFCE; Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – RN; Coordenadora do Neabi – IFRN/Campus Mossoró, [euza.raquel@ifrn.edu.br](mailto:euza.raquel@ifrn.edu.br);

<sup>3</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Pernambuco – UFPE; Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – RN; Coordenador adjunto do Neabi – IFRN/Campus Mossoró [demostenes.vieira@ifrn.edu.br](mailto:demostenes.vieira@ifrn.edu.br).

garantidas pela Lei nº 10.639/03, que torna obrigatória a inclusão da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino.

Desde o início, é importante ressaltar que este trabalho foi desenvolvido em conformidade com o Projeto Político Pedagógico do IFRN, que promove o respeito à diversidade. A temática antirracista está diretamente integrada ao currículo, abrangendo aspectos étnicos, culturais, raciais e religiosos. Essa abordagem permite o desenvolvimento de práticas educativas orientadas por docentes do IFRN Campus Mossoró, que têm contribuído ativamente para as pautas antirracistas na instituição.

As ações construídas visam aplicar na prática o conhecimento e a cultura afrodiáspórica, que, por muito tempo, foi negada devido ao apagamento histórico-cultural e à exclusão, marcada em parte pelo colonialismo. Esse processo é caracterizado pela “relação política e econômica, na qual a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação” (Torres, 2007 *apud* Oliveira; Candau, 2010, p. 18). Essa realidade se manteve obscurecida pela colonialidade do poder, que “reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico e as imagens do colonizado, impondo novos” (Quijano, 2005 *apud* Oliveira; Candau, 2010, p. 19). Esses fenômenos são consequências da epistemologia eurocêntrica ocidental dominante, que se sobrepôs a outras formas de produção de pensamento crítico e científico (Grosfoguel, 2007 *apud* Oliveira; Candau, 2010, p. 20), deixando marcas de desigualdade e práticas excludentes e discriminatórias.

Além disso, a presente pesquisa tem como objetivo levantar o desenvolvimento de práticas e experiências antirracistas dos professores pesquisadores-orientadores, ao guiar os estudantes do IFRN Campus Mossoró em práticas cotidianas. Conforme destaca Thiago Mota (2022), isso requer uma desconstrução de saberes previamente adquiridos pela epistemologia eurocêntrica. O panorama dessa construção abrange o período de 2021 a 2024, com o intuito de coletar dados que comprovem o crescente envolvimento dos estudantes nas temáticas propostas e as ações que foram desenvolvidas.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa realizada é de natureza quantiqualitativa e do tipo descritiva. Para a coleta de dados, utilizamos um questionário aplicado em um ambiente virtual, em um levantamento de campo que envolveu a participação de professores orientadores de

projetos de ensino, pesquisa e extensão, ligados à discussão étnico-racial e registrados no IFRN Campus Mossoró.

O questionário foi estruturado para incluir informações essenciais, como uma explicação clara dos objetivos da pesquisa e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Este termo possui um campo de "múltipla escolha" que requer a confirmação da concordância do participante em colaborar com a pesquisa, seguido por campos para assinatura digitalizada e para a indicação de local e data.

O questionário é composto por 4 perguntas com opções de resposta em “caixa de seleção”, permitindo que os participantes marquem mais de uma alternativa, além de 6 perguntas dissertativas que incentivam a descrição de experiências nas próprias palavras dos respondentes. Essa combinação de perguntas fechadas e abertas visa obter tanto dados quantitativos quanto qualitativos, proporcionando uma visão abrangente das práticas antirracistas na instituição.

Além disso, foram coletados dados gerais sobre a formação e a quantidade de projetos com bolsistas negros, assim como descrições das ações desenvolvidas nos últimos quatro anos. Essas informações foram fornecidas pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI), integrado ao campus Mossoró do IFRN. Também incluímos uma lista de professores-orientadores que participam ativamente das iniciativas do núcleo. As questões do questionário foram elaboradas com base na suposição de que houve um aumento nas atividades fomentadas no campus, diretamente ou indiretamente correlacionadas ao núcleo.

Essa metodologia visa garantir uma análise abrangente e detalhada das práticas educacionais antirracistas no IFRN, contribuindo para uma compreensão mais profunda do contexto e das experiências vivenciadas pelos educadores envolvidos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Este trabalho aborda a necessidade urgente de promover uma compreensão mais profunda e abrangente das práticas educacionais antirracistas em projetos do IFRN, campus Mossoró. Fundamentamo-nos na legislação brasileira, com destaque para os seguintes aspectos: a) Promoção da Educação Inclusiva; b) Conformidade com a Legislação Brasileira (Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, bem como diretrizes e regulamentações como o Parecer CNE/CP nº 03/2004 e a Resolução CNE/CEP nº 01/2004); c) Estímulo ao Diálogo e à Reflexão (de forma interdisciplinar e intercultural);

d) Capacitação de Profissionais da Educação; e) Fortalecimento da Identidade e da Consciência Étnico-Racial.

O racismo estrutural ainda representa um desafio significativo na educação, afetando de maneira particular estudantes de grupos étnico-raciais minoritários, especialmente aqueles de ascendência africana, afro-brasileira e indígena. Em resposta, nossa pesquisa propôs mapear práticas educacionais antirracistas em projetos do IFRN, campus Mossoró, buscando identificar e fortalecer iniciativas voltadas ao respeito e à valorização da diversidade étnico-racial, promovendo ambientes de ensino inclusivos e culturalmente enriquecedores. A abordagem sobre identidades, nesse sentido, se constrói a partir de diálogos com saberes africanos, afro-diaspóricos, ameríndios e indígenas, refletindo a ideia de “identidade em trânsito” de José Eduardo Agualusa, que ressalta a riqueza da multiplicidade e do entrelaçamento cultural na formação de cada indivíduo, Nesse sentido:

Identidade: não tem a ver com o lugar onde nascemos, pois no céu tudo é movimento, e sim com os lugares por onde passamos. Identidade é o que a viagem faz de nós enquanto continua. Só os mortos, os que deixaram de viajar, possuem uma identidade bem definida (AGUALUSA, 2013, p. 54).

José Eduardo Agualusa oferece uma perspectiva valiosa para compreender as múltiplas e dinâmicas identidades dos estudantes, especialmente ao abordar a diversidade étnico-racial e cultural. Ao representar o “passante” em constante interação, Agualusa nos ajuda a entender que as identidades são, na verdade, construções móveis, moldadas não apenas pelas tradições, mas também pelos contextos sociais e culturais em que os indivíduos transitam. Isso é particularmente relevante no caso de estudantes do IFRN, campus Mossoró, que, muitas vezes, não se identificam plenamente com os aspectos culturais da cidade.

Muitos desses estudantes vêm de cidades menores e localidades próximas a Mossoró, carregando consigo influências culturais e vivências diferentes, que nem sempre encontram espaço de expressão ou reconhecimento no ambiente urbano e acadêmico de Mossoró. Soma-se a isso o fenômeno do racismo ambiental, que reforça barreiras geográficas e culturais e muitas vezes impede que esses estudantes sintam-se pertencentes aos espaços socioculturais da cidade.

Ao promover a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), o projeto busca oferecer uma perspectiva ampliada de pertencimento, que valoriza não apenas as raízes

culturais, mas também a mobilidade e a multiplicidade de identidades que os estudantes trazem consigo. Diferente de uma abordagem que valorize a fixação em uma identidade local única, a ERER fomenta o entendimento de que as identidades são compostas por diversos elementos culturais e históricos, que coabitam e interagem de maneira fluida. Dessa forma, a ERER permite que os estudantes explorem a importância de suas heranças culturais e étnicas ao mesmo tempo em que reconhecem sua capacidade de adaptação e interação em ambientes diversos. Essa abordagem ajuda a construir uma autocompreensão mais ampla e multifacetada, permitindo que os estudantes enxerguem seu potencial de transformação social e seus papéis ativos nos diferentes contextos em que transitam.

Por meio dessa valorização das culturas africanas, afro-brasileiras, indígenas e afroameríndias, o projeto visa combater o desinteresse e a desmotivação dos estudantes. Ao reconhecer e incorporar suas histórias e tradições, os educadores criam um ambiente em que os alunos sentem que sua identidade é validada e que sua presença é valorizada. Esse processo de reconhecimento promove uma conexão mais profunda com a escola, que deixa de ser vista apenas como uma instituição neutra e passa a ser compreendida como um espaço de construção identitária e de pertencimento. Quando os estudantes se veem refletidos nos conteúdos e nas práticas pedagógicas, o engajamento com a educação aumenta, contribuindo significativamente para a redução da evasão e da retenção escolar.

Em suma, a Educação das Relações Étnico-Raciais propõe uma visão de identidade que ultrapassa fronteiras geográficas e culturais, encorajando os estudantes a explorarem suas próprias raízes ao mesmo tempo em que enfrentam desafios sociais e acadêmicos. Ao inspirar e empoderar os estudantes, o projeto reacende o interesse pela educação, promovendo um aprendizado significativo e transformador que prepara esses jovens para serem agentes ativos de mudança em suas comunidades e no mundo.

O levantamento das práticas antirracistas na escola responde à necessidade de promover uma Educação Inclusiva, atendendo à legislação brasileira e incentivando o diálogo interdisciplinar e intercultural. Nesse sentido, nosso trabalho visa também registrar as atividades desenvolvidas, criando uma base de referência que possa inspirar pesquisadores e profissionais da educação a atuarem de forma mais eficaz em ambientes diversos e a fortalecer a identidade e a consciência étnico-racial dos estudantes.

Esse levantamento é essencial porque, embora tenhamos avançado na discussão sobre inclusão, ainda enfrentamos o desafio de desconstruir visões estereotipadas e reducionistas sobre os povos africanos e indígenas. Essas visões, muitas vezes associadas

a um histórico de colonização e discriminação, continuam a perpetuar preconceitos e a limitar o reconhecimento das contribuições culturais, históricas e sociais desses grupos. A valorização dessas heranças étnico-raciais na escola não apenas reverte esse cenário, mas também promove o respeito à diversidade e a construção de uma sociedade mais justa.

Ao evidenciar práticas antirracistas, contribuímos para a formação de uma educação mais crítica, que reconhece as desigualdades estruturais e age para transformá-las. Assim, o fortalecimento da identidade e da consciência étnico-racial entre os estudantes se torna uma estratégia potente para desenvolver cidadãos conscientes de seu papel na promoção de uma sociedade inclusiva, onde a pluralidade cultural é vista como um valor essencial e integrador. Vale destacar que durante muito tempo:

[...] mitos e preconceitos de toda espécie esconderam do mundo a real história da África. As sociedades africanas passavam por sociedades que não podiam ter história. Apesar de importantes trabalhos efetuados desde as primeiras décadas deste século [século XX] por pioneiros como Leo Frobenius, Maurice Delafosse e Arturo Labriola, um grande número de especialistas não-africanos, ligados a certos postulados, sustentavam que essas sociedades não podiam ser objeto de um estudo científico, notadamente por falta de fontes e documentos escritos (M'BOW, 2010, p.XIX).

Esta pesquisa problematiza a noção de pertencimento na comunidade institucional do IFRN ao reconhecer que os saberes adquiridos ali dialogam profundamente com as vivências e o *ethos* da comunidade escolar. No Campus Mossoró do IFRN, o aluno pode reconhecer suas raízes, rostos e histórias como elementos ativos na construção do conhecimento, percebendo-se não como meros espectadores, mas como autores e coautores desse processo. Esse reconhecimento propicia a valorização dos saberes e histórias dos próprios estudantes e permite que eles encontrem outros construtores de conhecimento com vivências e perspectivas que se assemelham às suas.

Ao propor um levantamento de práticas antirracistas, a pesquisa almeja contribuir para a igualdade de oportunidades, reforçando o compromisso com uma educação em que todos os estudantes, independentemente de sua origem étnico-racial, possam alcançar seu pleno potencial educacional e pessoal. O estudo e a valorização das histórias africana, afro-diaspórica, afroameríndia e indígena fortalecem a identidade cultural dos estudantes, evitando que estes se sintam “o outro” na construção do saber. A alienação em relação às próprias raízes culturais pode afetar negativamente o

engajamento dos alunos, sendo um fator que potencialmente contribui para a evasão e dificulta o processo de retenção.

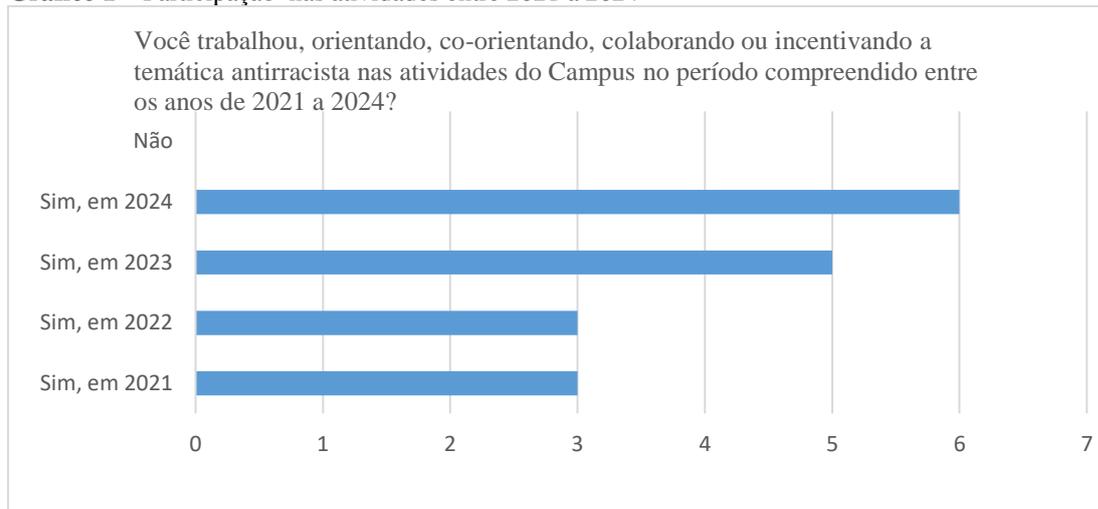
Nesse contexto, as palavras de Mia Couto ressoam ao nos lembrar da importância de um diálogo com nossos “fantasmas”, ou seja, de um confronto com nossa história coletiva e seus traumas para assumirmos o papel de agentes na construção de nossa identidade e saberes. Nas palavras do autor:

Eu venho falar aqui de um diálogo muito particular a que poucas vezes se faz alusão. Refiro-me à nossa conversa com nossos próprios fantasmas. O tempo trabalhou a nossa alma coletiva por via de três materiais: o passado, o presente e o futuro. Nenhum desses materiais parece estar feito para uso imediato. O passado foi mal embalado e chega-nos deformado, carregado de mitos e preconceitos. O presente vem vestido de roupa emprestada. E o futuro foi encomendado por interesses que nos são alheios. Não digo nada de novo: o nosso país não é pobre, mas foi empobrecido. A minha tese é que o empobrecimento [...] não começa nas razões econômicas. O maior empobrecimento provém da falta de ideias, da erosão de criatividade e da ausência de debate produtivo. Mais do que pobres, tornamo-nos inférteis (Couto, 2005, p. 10-11).

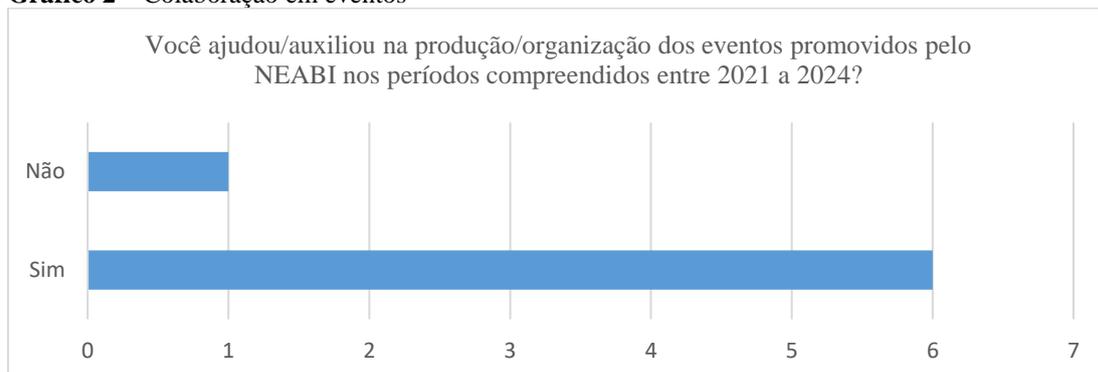
Inspirada por essa reflexão, a pesquisa busca resgatar e reconhecer as histórias e culturas dos estudantes como riquezas fundamentais na formação de indivíduos críticos e conscientes, que possam reinterpretar o passado, desafiar o presente e construir um futuro que lhes pertença. Assim, a educação das relações étnico-raciais se torna uma ferramenta poderosa de transformação, resgatando a criatividade e o debate produtivo, essenciais para reverter o “empobrecimento” simbólico e fortalecer o sentido de pertencimento e agência dos estudantes, tanto no ambiente educacional quanto na sociedade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir dos dados obtidos por meio de questionários, observa-se que uma grande parte dos professores-orientadores que participaram da pesquisa contribuiu para o crescimento das ações realizadas no período pós-pandêmico, compreendido entre 2021 e 2024. Essa contribuição ocorreu tanto na orientação dos projetos desenvolvidos quanto na participação na realização de eventos e outras atividades, conforme demonstrado nos Gráficos 1 e 2.

**Gráfico 1** – Participação nas atividades entre 2021 a 2024

Fonte: Autores (2024)

**Gráfico 2** – Colaboração em eventos

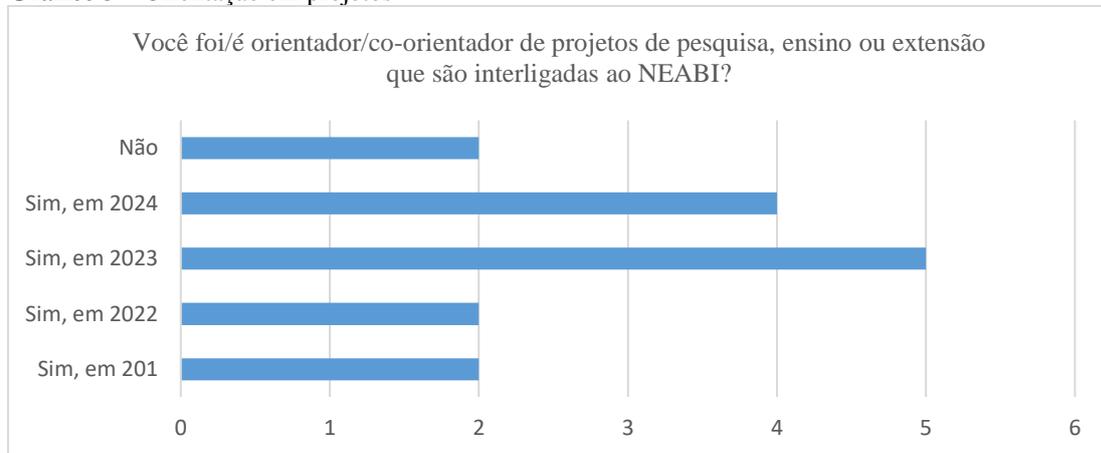
Fonte: Autores (2024)

É notório também o envolvimento desses docentes nas atividades de fomento a projetos, como mostra o Gráfico 3, desenvolvidos em conjunto com o NEABI. Em 2023, por meio do Edital nº 61/2023-PROEN/IFRN - Seleção Pública de Projetos de Ensino 2023, eles conseguiram uma bolsa para o desenvolvimento do projeto de ensino intitulado “Sankofa no IFRN/MO: Saberes e Práticas na Construção do Conhecimento Etnocentrado na Educação Profissional Tecnológica”. Em 2024, uma nova versão do projeto, intitulada “Sankofa 2024: Saberes e Práticas na Construção do Conhecimento Etnocentrado na Educação Profissional Tecnológica no IFRN/MO”, também obteve uma bolsa de estudos, através da promulgação do Edital nº 5/2024 - DG/MO/RE/IFRN - Projetos de Ensino com Fomento Institucional 2024, edital específico do campus Mossoró.

Os projetos supracitados têm como objetivo promover o entendimento da importância das histórias e culturas africanas, afro-ameríndias, afro-brasileiras e indígenas como fontes alternativas de sabedoria e experiência para a contemporaneidade,

por meio de ações de ensino na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no IFRN Campus Mossoró.

**Gráfico 3** – Orientação em projetos



Fonte: Autores (2024)

Ainda no ano de 2024, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do campus Mossoró foi contemplado com duas das 13 bolsas de pesquisa distribuídas a outros campi do IFRN pelo projeto de pesquisa “Afrocientista”, iniciativa da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), que visa promover o interesse e o talento em ciência entre estudantes negros de baixa renda no ensino médio. O projeto estimula a participação em pesquisa científica e tecnológica, além de integrar atividades com o Projeto Sankofa e o NEGEDI no IFRN Campus Mossoró. A proposta pedagógica se baseia em três pilares: iniciação científica, instrumentalização para práticas científicas e formação para a cidadania.

No segundo semestre do mesmo ano, o NEABI recebeu três bolsistas do Programa de Apoio à Formação Estudantil – PAFE, por meio do Edital nº 001/2024 – DIGAE/IFRN, que atuam nos três turnos e em conjunto com as atividades e programações do Núcleo e dos projetos desenvolvidos por ele.

É indiscutível o crescimento de projetos de apoio à pesquisa, ensino e extensão que garantem a permanência estudantil dos alunos negros por meio das bolsas adquiridas e que os aproximam das temáticas desenvolvidas acerca da educação das relações étnico-raciais. Vale destacar que esses projetos possibilitaram um aumento na divulgação e na produção de atividades, folhetos e materiais diversos, por meio das ações publicadas nas redes sociais dos projetos ou presencialmente, como a construção das “Árvores de Escrivências”, um trabalho elaborado durante o Julho das Pretas, que tem como foco a relação entre a filosofia e a literatura, através do trabalho de Conceição Evaristo.

Além do que já foi mencionado, houve um aumento na produção de trabalhos científicos, o que resultou na submissão a eventos acadêmicos. Isso foi bem registrado por um dos docentes no levantamento de dados do questionário, que mencionou: “É visível o aumento dos estudantes que passaram a participar de congressos como a Secitex, a Expotec e de outros lugares, mas também eventos como o CONEDU, que também tiveram a atuação dos estudantes nebianos. A delegação do NEABI do IFRN Campus Mossoró cresceu bastante de 2023 para 2024.”

Retornando aos dados coletados pelo questionário, é possível visualizar o crescimento da quantidade de atividades organizadas pelo campus além dos eventos fixos, vulgo o abril indígena, julho das pretas e novembro negro. Como, por exemplo, “[...] outras atividades foram desenvolvidas, projetos também foram fomentados, painéis, debates e outras atividades passaram a acontecer no campus ao longo do ano e não apenas em momentos específicos em novembro”, registrou um dos orientadores durante o questionário.

De modo geral, os contribuintes da pesquisa relataram sobre a importância do fomento a ações desenvolvidas no IFRN – Campus Mossoró, ao qual é importante mencionar alguns registros, como o que tange a necessidade da promulgação dessas ações. “A importância fundamental é colocar na agenda do ensino, pesquisa e extensão institucional a reflexão sobre as questões étnico-raciais e, com isso, incentivar potenciais pesquisadores(as) negros(as) e pardos(as)”. E como bem colocou outro contribuinte “Penso que são meios de sensibilizar a comunidade escolar com relação a necessidade de debater a temática étnico-racial, só o conhecimento é capaz de desconstruir preconceitos, estereótipos”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste trabalho foi apresentar as experiências pedagógicas desenvolvidas pelos professores orientadores de projetos de ensino, pesquisa e extensão no período pós-pandemia, visando inspirar os estudantes do ensino médio integrado do IFRN Campus Mossoró a conhecer a sabedoria ancestral africana e aplicá-la às suas vidas contemporâneas.

Os dados obtidos pelo levantamento confirmam a hipótese de que as ações e práticas antirracistas desenvolvidas no IFRN – Campus Mossoró têm, de fato, crescido ao longo dos quatro anos observados. Isso se concretizou por meio da constante expansão

no número de pessoas envolvidas nas atividades temáticas, possibilitada pela divulgação e pelas ações dos projetos, em conjunto com as orientações dos professores-orientadores.

Os dados evidenciam a importância dos projetos de ensino, pesquisa e extensão na construção do saber afro-centrado. Tais projetos funcionam, no contexto da educação profissional tecnológica, como ferramentas de suma importância para a formação humana integral dos estudantes. Por sua vez, os projetos têm potencial inovador significativo, resultando em vasto acervo de materiais e artigos acadêmicos sobre a temática da Educação das Relações Étnico-Raciais e Antirracistas. Além disso, tais projetos fomentam a participação dos estudantes em eventos e congressos regionais e nacionais, o que tem contribuído também para a formação acadêmica e científica desses alunos.

Por fim, é indiscutível a importância que tais ações têm na vida desses estudantes, que estão constantemente trabalhando e estudando na construção de saberes ancestrais e culturais, a fim de manter as práticas educativas relacionadas ao ser de cada um e cada uma, atribuindo-se o direito de ser.

## **AGRADECIMENTOS**

Sou grata ao NEABI que me permitiu e me permite ser quem sou, entender quem sou e a minha ancestralidade, que também me possibilitou conhecer pessoas novas e maravilhosas, que em conjunto trabalham por uma sociedade mais justa e igualitária.

Agradeço aos meus queridos orientadores, Euza Raquel e Demóstenes Vieira, que sempre estão dispostos a me ajudar e a me incentivar. Eu os amo muito!

Aos projetos Sankofa 2023 e Sankofa 2024; Ao projeto Afrocientista e à ABPN pelo magnífico trabalho e a ajuda na coleta dos dados.

## **REFERÊNCIAS**

AGUALUSA, José Eduardo. **A vida no céu**. Lisboa: Quetzal, 2013.

BRASIL. Lei nº 10.639/2003. **Estabelece a obrigatoriedade de ensino da História e Cultura Afro-Brasileira**. Diário Oficial da União, 2003.

BRASIL. Parecer CNE/CP nº 03/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2004. **Diretrizes para a Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Conselho Nacional de educação, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes\\_eticoraciais.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_eticoraciais.pdf). Acesso em: 20 set. 2024.

COUTO, Mia. **Pensatempos**: Textos de opinião. Lisboa: Caminhos, 3ª edição, 2005.

IFRN. Concepções, princípios e fundamentos do currículo e das práticas institucionais: princípios orientadores da prática pedagógica. In: IFRN (Natal) (ed.). **PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO**: uma construção coletiva. Natal: Ifrn, 2012. p. 1-294. Disponível em: <https://portal.ifrn.edu.br/institucional/ensino/projeto-politico-pedagogico/>. Acesso em: 18 ago. 2024.

M'BOW, M. Amadou – Mahtar. *Prefácio*. In: BOAHEN, Albert Adu (edit.). **História Geral da África**, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935. Brasília: UNESCO, 2ª Edição, 2010.

MOTA, Thiago Henrique (org.). **Ensino antirracista na Educação Básica**: da formação de profexssores às práticas escolares. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. Disponível em: <https://www.editorafi.org/182antirracismo>. Acesso em: 20 set. 2024.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, v. 26, n. 1, p. 15–40, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/TXxbbM6FwLJyh9G9tqvQp4v/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 22 set. 2024

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, [S. l.], v. 30, n. 3, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/2745>. Acesso em: 20 set. 2024.